

ansioso por minha vez, observando os infortunados contendores, que se trocavam insultos e acusações.

— Porque, se o conhecimento auxilia por fora, só o amor socorre por dentro — acrescentou o instrutor tranquilamente. Com a nossa cultura reificamos os efeitos, quanto possível, e só os que amam conseguem atingir as causas profundas. Ora, os nossos desventurados amigos reclamam intervenção no íntimo, para modificar atitudes mentais em definitivo... E nós ambos, por enquanto, apenas conhecemos, sem saber amar...

Nesse momento, alguém assomou à porta de entrada.

Oh! era uma sublime mulher, revelando idade madura; nos olhos esplendia-lhe brilho meigo e enternecedor. Curvei-me, comovido e respeitoso. Calderaro tocou-me o ombro de leve, e murmurou-me ao ouvido:

— E' a irmã Cipriana, a portadora do divino amor fraternal, que ainda não adquirimos.

V

O PODER DO AMOR

A mensageira aproximou-se e saudou-nos. Calderaro apresentou-me atenciosamente.

Fixou ela o triste quadro e disse ao Assistente:

— Felicito-o pelo socorro que, nos últimos dias, vem prestando aos nossos infortunados irmãos. Agora atacaremos a parte final do serviço, convictos do êxito.

— Meu esforço — acrescentou o interlocutor, humilde — foi quase nenhum, resumindo-se em meros preparativos.

Irmã Cipriana sorriu, afável, e observou:

— Como atingiríamos o fim sem passar pelo princípio?

— O' irmã! o conhecimento pode pouquíssimo, comparado com o muito que o amor pode sempre.

Singular expressão estampou-se na fisionomia da emissária, como se as referências lhe ferissem fundo a modéstia natural. Ocultando os méritos que lhe eram próprios, considerou:

— Sabe o Divino Senhor que ainda estou a grande distância da realização que me atribui. Sou frágil e imperfeita, e devo caminhar ainda infinitamente para adquirir o amor que fortalece e aperfeiçoa.

Retendo o olhar firmemente sobre o meu companheiro, acrescentou:

— Estamos em cooperação fraternal na obra que pertence ao Altíssimo. Espero que os amigos se mantenham a postos, efetuando a maior porção do serviço, porque, quanto a mim, só atenderei aos singelos deveres que um coração materno pode desempenhar.

Assim dizendo, acercou-se de ambos os infelizes, postando-se em atitude de oração.

Que estaria pedindo às Forças Superiores, ali, diante de nós, aquela mulher de extraordinária expressão? Sentia-lhe, enlevado, a sinceridade profunda, a humildade fiel. A prece, em que por alguns minutos se concentrou, saturava-se de sublime poder, porquanto em breve suave luz descia do alto sobre a sua fronte venerável. Gradativamente Cipriana se fazia mais bela. Os raios divinos a fluírem dos mananciais invisíveis, envolvendo-a, transfiguravam-na toda. Tive a impressão de que a sua organização perispiritual absorvia a claridade maravilhosa, represando-se-lhe no ser.

Escoados alguns momentos, circundava-a refulgente halo, cuja santidade senti dever respeitar. Dos olhos, do tórax, das mãos efluíam irradiações de frouxa e suave luz, que não me terrificava a retina surpresa. Estava formosa, radiante, qual se fôra a materialização da madona de Murilo, em milagrosa aparição.

Perante a sua personalidade transfigurada, quase me prosternei, tal a comoção daquele minuto inesquecível.

Nenhum olhar nos dirigiu, quicá, por humildade, no desejo de ocultar a elevada posição que desfrutava.

Estendeu as mãos para os dois desventurados, atingindo-os com o seu amoroso magnetismo, e notei, assombrado, que o poder daquela mulher sublimada lhes modificava o campo vibratório. Sentiram-se ambos desfalecer, oprimidos por uma força que os compelia à quietação. Entreolharam-se com indizível espanto, experimentando o respeito e o temor, presas de comoção irreprimível e desconhecida... Seus olhos espelhavam, no silêncio, angustiosa perquirição, quando a mensageira, avizinhandose, os tocou de leve na região visual; reparei, de minha parte, que ambos registaram abalo mais forte e indisfarçável.

Reconhecendo o poder divino de que era dotada a emissária, notei que o enfermo, parcialmente

liberto do corpo, e o perseguidor implacável passaram a ver-nos com indescritível assombro. gritaram violentamente, empolgados pela surpresa, e, por julgar cada um de nós o que vê através do prisma de conhecimentos adquiridos, cuidaram fôsem visitados pela excelsa Mãe de Jesus: definiam o ambiente em harmonia com as noções religiosas que o mundo lhes inculcara.

O doente ajoelhou-se de súbito, dominado por incoercível comoção, e desfez-se em copioso pranto. O outro, porém, embora perplexo e abalado, manteve-se ereto, qual se o bendito favor daquela hora lhe fôsse, a ele mesmo, concedido.

— Mãe dos Céus! — clamou o companheiro hospitalizado, chorando convulsivamente — como vos dignais de visitar o criminoso, que sou eu? Sinto vergonha de mim mesmo, sou imperdoável pecador, abatido pela minha própria miséria... Vossa luz revela-me toda a extensão das trevas em que me debato! condoei-vos de mim, Senhora!...

Havia uma sinceridade imensa, aliada a imensa dor, naquelas palavras de angústia e de arrependimento. Soluços sufocantes assomaram-lhe à boca, interrompendo-lhe a tocante súplica.

Cipriana acercou-se dele, de olhos faiscantes e húmidos. Tentou soerguê-lo, sem, no entanto, lograr que ele deixasse a postura genuflexa.

Certo, a piedosa missionária informara-se de todas as minúcias necessárias ao êxito de sua missão naqueles minutos, porque, enlaçando-o matematicamente, o chamou pelo nome, esclarecendo:

— Pedro, filho meu, não sou quem julgas, no transporte de viva confiança que te sensibiliza a alma. Sou simplesmente tua irmã na eternidade; todavia, também fui mãe na Terra, e sei quanto sofres.

O interpelado ergueu os olhos súplices, fitando-a através de espesso véu de lágrimas. Embora visivelmente animado pelas declarações ouvidas, manteve-se em posição reverente e humilde.

— Matei um homem!... — exclamou, desabafando-se.

A mensageira afagou-lhe o rosto, banhado em pranto, e acrescentou:

— Sei disto.

Decorridos alguns instantes, em que dividia o carinhoso olhar entre o interlocutor e o verdugo, contido pelo respeito a reduzida distância, dirigiu-se ao doente, de maneira intencional, de modo a se fazer ouvida pelo companheiro vingador:

— Porque destruíste, Pedro, a vida de teu irmão? como te julgaste com forças e direito para quebrar a harmonia divina?

Deixando perceber quê lhe ouvia os pensamentos mais íntimos, prosseguiu:

— Supunhas fazer justiça pelas próprias mãos, quando só fazias expandir a cólera aniquiladora. Por que razão, meu filho, pretendeste equilibrar a vida, provocando a morte? como conciliar a justiça com o crime, quando sabemos que o verdadeiro justo é aquele que trabalha e espera no Pai, o Supremo Doador da Vida? Faz muito tempo háis perpetrado o homicídio, presumindo liquidar escabroso débito a jorros de sangue... Eliminaste o corpo de um amigo que se fez incompreensivo e duro; todavia, desde o trágico instante, ouves a consciência divina, a reiterar a velha pergunta: "Caim, que fizeste de teu irmão?" Tens vivido desbarvorado e desditoso, de alma agrihoada à própria vítima, aprendendo que o mal jamais se coadunará com o bem e que a Lei cobra dobrados tributos àquele que se antepõe aos seus ditames sábios e soberanos. Destruíste a paz de um companheiro e perdeste a tranquilidade própria; suprimiste-lhe o veículo físico, mas perambulas algemado ao teu, sentindo-o qual pesado fardo... Cuidavas ministrar o direito a ti mesmo e entortaste o destino, imprimindo perigosa curva ao teu caminho, que poderia ser retilíneo e iluminado. Temendo a ti próprio, por te sentires delinquente em toda a parte, bus-

caste refúgio no trabalho atabalhado e mecânico; conseguiste dinheiro que nunca te pacificou o ser; alcançaste culminante posição social entre os homens, dentro da qual, contudo, te sentes cada vez mais triste e mais desamparado... Como não te ocorreu, Pedro, a oração santificante? como não te penitenciaste diante da vida, humilhando-te aos pés da tua vítima, no sincero e real propósito de regeneração? preferiste a corrida louca empós das sensações externas, a fuga para a região do ganho material, a transitória ascensão para posições de domínio enganoso... Aterrorizado, tentaste escapar ao tribunal íntimo, onde o poder espiritual te exprobrava o condenável procedimento!

"Mas, nunca é tarde para levantar o coração e curar a consciência ferida. Exausto de sofrer, cedeste à enfermidade e aproximas-te da loucura. De alma contundida e corpo em desordem, apela-te para a Misericórdia Divina, e aqui estamos. Contudo, meu amigo, nossa voz não se ergue para fustigar-te o espírito, já de si mesmo tão castigado e tão infeliz! vimos ao teu encontro para estimular-te à regeneração. Quem poderá condenar alguém, depois da comunhão de vicissitudes na carne? quem se sentirá suficientemente puro e santificado para atirar a primeira pedra, mesmo depois de haver atravessado a fronteira de cinzas do sepulcro? quem de nós terá passado incólume nas correntes do pântano? Não, Pedro, o fundamento da obra divina é de amor incomensurável. Encontramo-nos aqui para querer-te bem, intentando alçar-te a consciência aos campos infinitos da vida eterna. Oraste e chamaste-nos. Abriste a mente à força regenerativa, e somos teus irmãos. Muitos de nós, em outro tempo, penetrámos também o sombrio recôncavo dos vales do assassinio, da injustiça e da morte; entretanto, estacámos no caminho, renegámos o crime, ressoldámos com lágrimas os elos partidos pela nossa imprudência, e, cultivando o perdão e a hu-

mildade, aprendemos que só o amor salva e constrói para sempre.

"Lembra-te das tuas próprias necessidades, interrompe a marcha da aflição, reconsidera a atitude e fazes novo compromisso perante a Divina Justiça."

Passada longa pausa, Cipriana abriu os braços maternos e acrescentou:

— Levanta-te e vem a mim. Sou tua mãe espiritual, em nome de Deus.

O enfermo, de olhos brilhantes e lacrimosos, ergueu-se, qual menino, sensibilizando-nos o coração, e exclamou:

— Merecerei tamanha graça?

— Como não, filho meu? O Pai não nos responde às súplicas com palavras condenatórias. Acercamo-nos de ti em nome d'Ele, nosso Supremo Senhor.

Assim dizendo, conchegou-o ao coração; mas havia tal meiguice naquele amplexo inesperado, que outros circunstantes, que não nós, diriam presenciar o reencontro de carinhosa mãe com o filho ausente, após longa e cruciante separação.

O infortunado deixou pender a cabeça sobre um dos ombros dela, demonstrando infinita confiança, e murmurou infantilmente:

— Mãe do Céu, ninguém na Terra jamais me falou assim...

Via-se-lhe o alívio, através do semblante feliz. Cipriana amimou-o, bondosa, e explicou:

— E' imprescindível aquietes a mente afogueada, depositando nas mãos do Senhor as antigas angústias.

A essa altura, voltei a Calderaro meu olhar comovido e notei que as lágrimas não brotavam exclusivamente dos meus olhos. O companheiro tinha-as abundantes a lhe deslizarem na face calma.

Tocado por minha silenciosa indagação, falou-me em voz apenas perceptível:

— Praza a Deus, André, possamos também

aprender a amar, adquirindo o poder de transformar os corações.

A emissária, que parecia não se dar conta de nossa presença, avançou para o verdugo, sustentando Pedro nos braços, como se lhe fôra um filho doente. O perseguidor aguardou-a, ereto e altivo, revelando-se insensível às palavras que nos haviam dominado os corações. A missionária, longe de intimidar-se, aproximou-se, tocando-o quase, e falou, humilde:

— Que fazes tu, Camilo, cerrado à comisseração?

O algoz, demonstrando incompreensível frieza, retorquiu, cruel:

— Que pode fazer uma vítima como eu, senão odiar sem piedade?

— Odiar? — tornou Cipriana, sem se alterar. Sabes a significação de tal atitude? As vítimas inacessíveis ao perdão e ao entendimento soem ultrapassar a dureza e a maldade dos precitos, provocando horror e compaixão. Quantos se valem desse título, para pôr de manifesto as monstruosidades que lhes povoam o ser! quantos se aproveitam da hora de irreflexão de um amigo ignorante ou infeliz, para encetar séculos de perseguição no inferno da ira! A condição de vítima não te confere santidade; vales-te dela para semear, na própria senda, ruína e miséria, treva e destroços. Sem dúvida, Pedro feriu-te em momento de insânia, perdido de ilusão na mocidade turbulenta; no entanto, pai de família que foste, homem refletido e prudente que aparentavas ser, não encontres no espírito mínima réstea de piedade fraternal para desculpá-lo. Há vinte anos instilas em torno de ti a peçonha da víbora, na postura do famulento chacal. Podendo conquistar a láurea dos vencedores com o Cristo, preferiste o punhal da vingança, ombreando-te com os malfetores endurecidos. Onde esbarrarás, meu filho, com teus sentimentos des-

prezíveis? em que muralha de angústia serás algemado pela Justiça de Deus?

Dos olhos de Cipriana escorriam grossas lágrimas.

Camilo vacilava entre a inflexibilidade e a capitulação. Extrema palidez cobria-lhe o rosto, e, quando nos pareceu que ia proferir uma resposta a esmo, a missionária dirigiu-se ao meu orientador, pedindo-lhe com humildade:

— Calderaro, meu amigo, ajude-me a conduzi-los. Sigamos até ao lar de Pedro, onde Camilo atenderá nossos rogos.

Meu companheiro não hesitou. Voltando-se para mim, obtemperou:

— A Irmã transportará Pedro com os próprios recursos, mas o outro, terrivelmente escravizado aos pensamentos inferiores e às intenções criminosas, é pesado de carregar: conduzamo-lo nós ambos.

Dando-lhe nossos braços, Calderaro à direita e eu à esquerda, reparei que o paciente não reagia; compreendendo, talvez, a inanidade de qualquer rebeldia, deixava-se levar sem protesto.

Colocámo-nos, assim, em jornada rápida.

Em breves minutos penetrávamos confortável residência, onde uma senhora, na sala de estar, tricotava, junto de dois filhos pequeninos.

A conversação doméstica era doce, cristalina.

— Mamãe — dizia o menorzinho — onde está o Neneco?

— Voltou ao serviço.

— E Celita?

— No colégio.

— E Marquinhos?

— Também.

— Eu queria "todo o mundo" aqui em casa...

— Para que? — indagou a genitora, sorrindo.

— Sabe, mamãe? para rezarmos por papai. A senhora reparou, ontem à noite, como estava aflito e abatido?

A jovem matrona transluziu certa angústia nos olhos, mas objetou, em tom firme:

— Confiemos em Deus, meu filhinho. O médico recomendou-nos tranquilidade, e estou convencida de que a Providência nos ouvirá.

Lançou inteligente olhar sobre a criança e acentuou:

— Vá distrair-se, Guilherme; vá brincar.

O pequeno Guilherme, porém, descansou o braço direito sobre um livro de primeiras letras, cismando, como se indiretamente percebesse nossa presença, enquanto a senhora súbito abandonava o tricô, para chorar num quarto, a distância.

Acompanhámos a cena, comovidos, quando Cipriana se dirigiu a Camilo, desapontado:

— Continuemos. Efetivamente, nosso amigo subtraiu-te a vida física, noutro tempo, contraindo assim dolorosa dívida; entretanto, a voz deste menino devotado à prece não te sensibiliza o espírito endurecido? Este é o lar que o Pedro criminoso instituiu para criar o Pedro renovado... Aqui trabalha ele, exaustivamente, para retificar-se perante a Lei. Compreendendo a responsabilidade terrível, assumida com o golpe que te aplicou sem reflexão, meteu ombros a uma atividade desordenada e incessante, derruindo os centros físicos. Antes dos cinquenta anos, no corpo terrestre, revela evidentes sinais de decrepitude. Se cometeu falta grave, tem feito o possível por erguer-se, numa vida nobre e útil. Amparou devotada mulher no instituto do casamento, deu refúgio a cinco filhinhos, esforçando-se por norteá-los para o bem, através do trabalho honesto e do estudo edificante. Sem dúvida, Pedro cresceu no conceito dos amigos, galgou posição de abastança material; todavia, sabe agora, de experiência própria, que o dinheiro não soluciona problemas fundamentais do destino e que o elevado conceito que possamos conseguir dos outros nem sempre corresponde à realidade. Não obstante todas as vantagens conquistadas no âm-

bito material, tem vivido enfermo, infortunado, aflito... Apesar disto, tem a seu crédito o serviço realizado com boas intenções, o reconhecimento de uma companheira que o nobilita e as preces de cinco filhos agradecidos.

Quanto a ti, que fizeste? Faz precisamente vinte anos que não abrigas outro propósito senão o de extermínio. O desforço detestável tem sido o objeto exclusivo de teus intuitos destruidores. Teu sofrimento, agora, nasce da volúpia da vingança. Vale a pena ser vítima, receber a palma santificante da dor, para descer tanto na escala da vida?

A benfeitora fez breve pausa, fitou-o compadecidamente, e prosseguiu:

— Contudo, Camilo, nossa palavra enérgica não se faz ouvir neste santuário, à laia de juízo irrecurável. És, acima de tudo, nosso irmão, credor de nosso afeto, de nossa estima leal. Com o te visitar, nosso objetivo é ajudar-te. Talvez recuses nossa aliança fraterna, mas confiamos em tua regeneração. Também nós, em épocas remotas, demorámos no desfiladeiro fatal a que te conduziste. Passámos longo tempo, na atitude da serpe venenosa, concentrada em si mesma, aguardando o ensejo de exterminar ou de ferir. No entanto o Senhor Todo Misericordioso nos ensinou que a verdadeira liberdade é a que nasce da perfeita obediência às Suas leis sublimes, e que só o amor tem suficiente poder para salvar, elevar e remir. Somos todos irmãos, suscetíveis das mesmas quedas, filhos do mesmo Pai... Não te falamos, pois, como anjos, senão como seres humanos regenerados, em peregrinação aos Círculos Maiores!

Havia tal inflexão de carinho naquelas ternas e sábias considerações, que o perseguidor, dantes frio e impassível, prorrompeu em pranto. Mau grado tal modificação, alçou o indicador na direção de Pedro e exclamou:

— Quero ser bom, e, todavia, soffro! Confran-

gem-me atrozes padecimentos. Se Deus é compassivo, porque me deixou ao desamparo?!

Aqueles soluços, a explodirem-lhe da alma torturada, feriam-me fundo o coração. Como não chorar também, ali, ante aquela cena simbólica? Camilo e Pedro, entrelaçados no crime e no resgate, não representavam todos nós, os seres humanos falíveis? Cipriana, tolerante e maternal, não personificava a Compaixão Divina, sempre inclinada a ensinar com o perdão e a corrigir através do amor?

Ouvindo as palavras do verdugo, a missionária observou:

— Quem de nós, meu amigo, poderá apreender toda a significação do sofrimento? Indagas a razão por que permitiu o Senhor atravessasses tão dura prova... Não será o mesmo que interrogar o oleiro pelos motivos que o compelem a cozer o delicado vaso em calor ardente, ou inquirir do artista os propósitos que o levam a martelar a pedra bruta, para a obra-prima de estatuária? Camilo, a dor expande a vida, o sacrifício liberta-a. O martírio é problema de origem divina. Tentando solvê-lo, pode o espírito elevar-se ao píncaro resplandecente ou precipitar-se em abismo tenebroso; porque muitos retiram do sofrimento o óleo da paciência, com que acendem a luz para vencer as próprias trevas, ao passo que outros dele extraem pedras e acúleos de revolta, com que se despenham na sombra dos precipícios.

Notando que o desventurado chorava amargamente, Cipriana continuou, depois de breve silêncio:

— Chora! Desabafa-te! O pranto de compunção tem miraculoso poder sobre a alma ferida.

Calou-se a emissária por minutos. Seus olhos muito lúcidos pareciam agora vaguear em paisagem distante...

Recolheu Camilo, quase maquinalmente, nos braços, conservando os contedores conchegados ao peito, qual se lhes fôra mãe comum.

Transcorrido algum tempo, dirigiu carinhoso olhar ao alço de Pedro e prosseguiu:

— Comentas o mal que te feriu, invocas a Providência com expressões desrespeitosas... O' meu filho, cala o dom de falar quando não pudeses servir ao bem. Vivi igualmente na Terra e não padei quanto devia, considerado o tesouro da iluminação espiritual que recebi do Céu pela dor. Perdi meus sonhos, meu lar, meu esposo, meus filhos! O Senhor m'os deu, o Senhor m'os retomou. Meus dois rapazes foram assassinados numa guerra civil, em nome de princípios legais; minhas duas filhas, seduzidas pelo fascínio do prazer e do ouro; escarneceram de minhas esperanças e permanecem na esfera sombria, emaranhadas em perigosas ilusões. O esposo era o único amigo que me restava; entretanto, quando a lepra acometeu minha carne, abandonou-me também, empolgado por visível horror. Desprezaram-me todas as afeições, fugiram os favores do mundo; contudo, enquanto meus membros se desatavam do corpo que se corrompia, quando me achava relegada ao extremo desamparo dos que me eram caros, robustecia-se dentro em mim o cântico da esperança. Minha alma glorificava o Senhor da Vida Triunfante... Concedera-me Ele, um dia, todas as graças da saúde e da mocidade, retomando, em seguida, esses bens, que eu guardava por empréstimo. Privou-me dos entes queridos, desfez-me o equilíbrio orgânico, enviou-me a fome e a dor; no entanto, quando a minha solidão se fez amarga e completa, minha fé elevou-se mais clara e mais viva... Que necessitava eu, miserável mulher, senão padecer, para santificar a esperança? que não precisarei ainda, para lograr o acesso às fontes superiores? quem somos nós, senão vaidosos vermes com inteligência mal aplicada, aos quais se tem de mil modos manifestado a Misericórdia Infinita, mas em vão?

Foi, então, a vez de Camilo ajoelhar-se.

Do tórax de Cipriana partia radioso feixe de

luz, que lhe atravessava o coração, qual venábulo de luar cristalino.

O infeliz, genuflexo agora, beijava-lhe a destra, num transporte comovente de gratidão, rociando-a de lágrimas.

— Sim — disse ele, chorando — não me faleis desta maneira, se me não amásseis! Não são vossas palavras que me convencem..., senão o vosso sentimento que me transmuda!

E, como acontecera a Pedro, também gritou:

— Mãe do Céu, libertai-me de minhas próprias paixões! Desfechai-me as algemas que eu mesmo forjei..., quero fugir de minhas sinistras recordações..., quero partir, esquecer, empenhar-me na luta regeneradora, recomeçando a trabalhar!

Cipriana confiou-nos o doente, cujo veículo denso descansava no hospital próximo, e, num triunfante sorriso de ternura materna, enlaçou o ex-perseguidor, murmurando:

— Abençoado sejas tu, que ouviste o apelo do perdão redentor. Que o Pai te abençoe para sempre! Vamos! A Providência oferece trabalho regenerativo a todos nós...

Abraçou-se à figura repulsiva do ex-verdugo, aconchegou-o ao coração e aproximou-se de nós, dirigindo-nos a palavra gentilmente:

— Irmãos, agradeço-lhes o concurso fraterno. Nosso amigo sofredor seguirá em minha companhia. Espero localizá-lo em terreno de atividade restauradora.

E, antes de despedir-se, notificou ao meu orientador:

— Irmão Calderaro, aguardo-lhe a colaboração hoje à noite, em favor de Cândida, que deve regressar ao "nosso lado" amanhã, em definitivo. Precisamos salvar-lhe da loucura total a filhinha.

Retirou-se a mensageira, conduzindo o transviado como se lhe fôra precioso fardo, enquanto nova luz me dealvava o espírito.

O Assistente tocou-me o ombro e falou:

— O coração que ama está cheio de poder renovador. Certa feita, disse Jesus que existem demônios somente suscetíveis de regeneração “pelo jejum e pela prece”. Às vezes, André, como neste caso, o conhecimento não basta: há que ser o homem animado da força divina, que flui do jejum pela renúncia, e da luz da oração, que nasce do amor universal.

Dispúnhamo-nos a reconduzir o enfermo à casa de saúde, quando a dona da casa assomou à sala, em traje de sair, e disse aos meninos:

— Preparem-se, filhinhos. Visitaremos o papai dentro em pouco.

Transportámos Pedro ao leito, dispensando-lhe os cuidados possíveis.

Em breve, despertava a sorrir, melhorado, quase feliz. Chamou a enfermeira, demonstrando novo brilho no olhar. Não sentia mais a dor persistente no peito. Algo — refletia ele — expungira-lhe de negros a cabeça, como a chuva benéfica lava e clareia um céu de chumbo.

Decorrida uma hora, a esposa e os finhinhos penetravam no aposento, partilhando-lhe o bem-estar.

Contou-lhes Pedro, chorando de júbilo, que tivera um sonho iluminativo; assegurava ter sido visitado pela Mãe Santíssima, que lhe estendera as divinas mãos, transbordantes de luz.

A esposa, ouvindo-o, verteu copioso pranto de alegria e de reconhecimento. E Guilherme, o pequenino cheio de fé viva, tomou a destra paterna, osculando-a com filial afeição e agradecimento a Deus.

Sensibilizado, acompanhei a cena íntima em que a família reencontrava a paz e, recordando Cipriana, com a sua milagrosa atuação salvadora, compreendi que a mulher, santificada pelo sacrifício e pelo sofrimento, se converte em portadora do Divino Amor Maternal, que intervém no mundo para enobrecer o sentimento das criaturas.

VI

AMPARO FRATERNAL

Noite fechada, encontrámo-nos à porta de aposento modesto, em sanatório humilde.

Gentil irmã de nossa esfera nos aguardava no limiar, saudando-nos, atenciosa.

Avançou Calderaro, perguntando:

— E Cândida? como passa?

— Muito bem. Deve estar conosco, em definitivo, amanhã à noite. Irmã Cipriana recomendou-me vigiá-la para que o desenlace se realize plácidamente. Creio que nossa desvelada amiga já poderia ter vindo; no entanto, ao que me parece, a filhinha, que deixará na Crosta, reclama certas providências.

Entrámos.

No leito, uma senhora, prematuramente envelhecida, aguardava a morte. Na fisionomia, os fenômenos de extinção do tônus vital eram visíveis.

Cândida, a irmã que nos merecia tanto carinho, prendia-se ainda ao corpo através de fios muito frágeis. Pela doce luz que lhe nimbava a fronte, emitida por sua própria mente, eu lhe observava a grandeza d'alma, o sereno heroísmo.

Junto dela, uma jovem, de rosto pálido e corpo alquebrado, acariciava-lhe os cabelos grisalhos, enxugando, de momento a momento, as lágrimas em contínuo fluxo.

O Assistente indicou-m'a, explicando:

— E' a filha a despedir-se. Ouçamo-las.

Cândida, amimando-a com dificuldade, falava, comovida:

— Julieta, minha filha, tenha cuidado consigo. Você sabe que, provavelmente, não mais me le-